



**Terena sobreviveu na terra dos brancos e agora é candidato a deputado pelo PDT**

## “Japonês” por necessidade e índio na vida

“Durante quatorze anos da minha vida identifiquei-me como japonês, para fugir do preconceito e da discriminação”. É o que confessa Marcos Terena, da nação indígena Terena, do Pantanal Sulmatogrossense, que desde 1976 engajou-se definitivamente à causa indígena e hoje é candidato a deputado federal pelo PDT de Brasília.

A demarcação definitiva das terras indígenas, a criação de escolas bilíngues para índios e a luta por melhores condições de vida para o povo são algumas das teses que Terena defende para a Constituinte. A sua eleição conta com o apoio da classe de pilotos, de artistas, de indigenistas e depende também dos resultados da campanha que vem fazendo junto à população das cidades-satélites.

“Quando cheguei em Brasília, em 1976, na Casa do Índio (hoje Casa do Ceara), tive contato com índios como Juruna, Raoni e Cretan, que me alertaram para a situação de carência e abandono de minha gente. Foi aí que recuperei minha identidade e, reaprendendo com os índios, comecei a lutar pelas questões indígenas”, diz Terena. Ele conta que, ainda em 1976, conseguiu junto à Funai a alfabetização do primeiro grupo de índios.

Em 1980 já era 15 o número de índios alfabetizados e começou a luta contra a política da Funai. Terena foi o 1º presidente da União Nacional Indígena (UNIND), considerada “subversiva” pelos militares. “Golbery do Couto e Silva (na época chefe do Gabinete Civil de Figueiredo) recomendou ao SNI que fôssemos expulsos de Brasília”, afirma Terena.

Ele considera o movimento indígena a vanguarda dos movimentos populares no Brasil, o primeiro passo para o enfrentamento com as forças militares que ressurgiu a partir de 1978, com as greves do ABC.

Marcos Terena nasceu no posto indígena Taunay, no Mato Grosso do Sul. Ainda jovem, abandonou sua aldeia e foi para Campo Grande, onde estudou até o 2º grau. Depois entrou para a Academia da Força Aérea Brasileira, para ser piloto e, sem condições de concluir o curso de oficial, foi para a aviação civil. Hoje é piloto da Funai. Foi durante esse tempo que assumiu a condição de descendente de japonês, para escapar à discriminação branca para com sua raça. Só quando mudou para Brasília, em 1976, é que recuperou sua identidade e começou a lutar pela questão indígena.

Para Terena, a vida da comunidade indígena depende da demarcação da terra. “Só com a demarcação, o índio terá suficiente autonomia para preservar a sua língua e a sua cultura”, afirma. Ele acha possível uma convivência entre brancos e índios, onde nenhuma cultura anule a outra, desde que se adote já uma política dinâmica em relação à causa indígena. E como parâmetro cita as colônias estrangeiras no Brasil, onde os habitantes, sem deixarem de ser brasileiros, mantêm os seus costumes e tradições.

Nas cidades-satélites, Terena tem feito um trabalho de conscientização junto ao povo.